

**SINTAXE EM LIBRAS: ORDEM DOS CONSTITUINTES
EM SENTENÇAS CONSTRUÍDAS POR SURDOS
DE RIOBRANCO-ACRE⁴⁸**

Nina Rosa Silva de Araújo (UFAC)

nina.araujo@ufac.br

Alexandre Melo de Sousa (UFAC e UNEMAT)

alexandre.sousa@ufac.br

Sandra Mara Souza de Oliveira Silva (UFAC)

sandramaravilha2010@gmail.com

RESUMO

O presente artigo apresenta uma reflexão a respeito da ordem dos constituintes em construções sintáticas de surdos de Rio Branco-Acre. Os dados para a pesquisa foram coletados com a participação de surdos rio-branquenses, por meio de dois procedimentos técnicos. O primeiro caracterizou-se pelo movimento de despertar o interesse e atenção visual dos informantes como motivação para a captação das sentenças, através de fotogramas, para a produção espontânea do desempenho linguístico dos sujeitos da pesquisa, que foi registrada em vídeos. Para o segundo procedimento técnico, foi aplicado um questionário/entrevista, com o intuito de obter informações que caracterizassem os informantes. Adota-se, portanto, a abordagem qualitativa, denominando este estudo como analítico-descritivo. Este estudo tomou como base Ferreira-Brito (1995), Quadros e Karnopp (2005), Araújo (2013), Quadros (2019) e Royer (2019). Os dados apontaram que a ordem sintática da oração por meio da construção Sujeito (S) e Verbo (V) é a mais recorrente nos dados analisados sobre a sintaxe da Língua Brasileira de Sinais (Libras) usada pelos surdos de Rio Branco.

Palavras-chave:

Libras. Sintaxe. Ordem dos constituintes.

ABSTRACT

This article presents a reflection on the order of constituents in the syntactic constructions of deaf people of Rio Branco-Acre (Brazil). The data for the research were collected with the participation of deaf through two technical procedures. The first procedure was characterized by the movement of arousing the interest and visual attention of the informants as motivation for the capture of sentences, through frames, for the spontaneous production of the linguistic performance of the research of death people, which was recorded in videos. For the second technical procedure, a questionnaire/interview was applied in order to obtain information that

⁴⁸ O presente trabalho constitui uma homenagem ao Prof. Dr. Vicente Cruz Cerqueira (*in memoriam*), da Universidade Federal do Acre, Orientador desta pesquisa. Nesta publicação atual, contamos com as atualizações teóricas do Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa e da doutoranda Sandra Mara Souza de Oliveira Silva (coautores). Agradecemos aos surdos acreanos que participaram da pesquisa.

would characterize the informants. Therefore, a qualitative approach is adopted, naming this study as analytical-descriptive. This study is based on Ferreira-Brito (1995), Quadros and Karnopp (2005), Araújo (2013), Quadros (2019) and Royer (2019). The data indicated that the syntactic order of sentences through the construction of Subject (S) and Verb (V) is the most recurrent one in the analyzed data of the syntax of the Brazilian Sign Language (Libras) used for deaf people from Rio Branco.

Keywords:

Syntax. Order of constituents. Libras (Brazilian Sign Language).

1. Considerações iniciais

O objetivo do presente artigo é apresentar uma análise da ordem dos constituintes nas sentenças da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em construções sintáticas de surdos de Rio Branco, no Acre, sob uma abordagem qualitativa, denominando este estudo como analítico-descritivo. Os dados para a pesquisa foram coletados com a participação de surdos rio-branquenses, por meio de dois procedimentos técnicos. O primeiro procedimento caracterizou-se pelo movimento de despertar o interesse e a atenção visual dos informantes como motivação para a captação das sentenças. Isso foi realizado por meio de fotogramas, para a produção espontânea do desempenho linguístico por parte dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Essa atividade foi registrada em vídeo. No segundo procedimento foi aplicado um questionário/entrevista, com o intuito de obter informações que caracterizássemos informantes.

A utilização de imagens como unidade de motivação linguística deve-se ao fato de permitir a visualização de características peculiares das línguas de sinais. Assim é possível que a modalidade gestual, espacial e visual apresente uma língua expressiva que revele uma concepção estética, artística e de movimento sincrônico do corpo, incluindo os componentes das expressões faciais, denominados como traços não manuais. Portanto, foram examinadas as semelhanças e as diferenças em relação à posição do sujeito na ordenação e na estruturação em sentenças da Libras que indicassem uma base de organização abstrata, comum a todas as línguas, tendo como eixo de sustentação a Teoria do Estado Inicial do Componente relevante da faculdade da linguagem, conceituada como Gramática Universal (GU).

2. *Línguas de sinais: algumas considerações*

O percussor do estudo científico das línguas de sinais (LSs) foi o linguista Stokoe (1960), cujos estudos contribuíram para que fosse atribuído o *status* de língua à Língua de Sinais Americana (ALS) através da análise de um exame da propriedade de dupla articulação da ASL, com um viés estruturalista. Isso permitiu que ela fosse concebida como língua, comportando componentes básicos da língua oral (fonologia, morfologia, sintaxe e semântica) em uma estruturação similar, embora diferenciada em sua concepção fonológica, pois esse é o modo em que a língua se materializa. Foi como professor na Universidade Gallaudet que Stokoe inaugurou e se dedicou a uma vasta série de trabalhos e de investigações sobre a ASL. E ao longo das décadas de 1960 e 1970, o linguista constatou que o sistema linguístico da ASL se configura como língua natural.

Stokoe tornou-se referência nos estudos linguísticos ao defender o *status* da ASL, a partir do fomento à investigação por meio de um método analítico, que viabilizou a descrição e a comparação dos elementos das línguas orais e das línguas de sinais (LSs). Portanto, ele contribuiu com a difusão do reconhecimento das LSs existentes. Por meio de seus estudos, foi identificada uma estrutura sequencial e simultânea de organização dos elementos da ASL, projetando um esquema linguístico estrutural, composto por três elementos:

- a) Configuração das mãos: [CM];
- b) Locação (da mão): [L];
- c) Movimento (da mão): [M].

Felipe (2007) ratifica essa definição ao explicitar que as unidades mínimas das línguas de sinais ([CM], [L], [M]) são comparáveis aos fonemas das línguas orais, pois, embora desprovidas de significado quando isoladas, essas unidades recebem significado quando associadas entre si.

Os três aspectos ou parâmetros delineados por Stokoe proporcionaram a análise inicial da formação dos sinais. Posteriormente, linguistas como Battison, Klima e Bellugi (1974 [1979] *apud* GESSER, 2009) identificaram um quarto parâmetro denominado de Orientação da palma da mão [O]. A inclusão desse parâmetro na fonologia das LSs se justifica por demonstrar que dois sinais que contenham os três aspectos [CM], [L], [M] idênticos podem modificar o sentido dependendo da orientação da palma da mão. Estudos posteriores sobre as LSs chegaram a identificar um quinto parâmetro definido por Expressões-não-manuais [ENM]

(QUADROS; KARNOPP, 2004; FERREIRA-BRITO, 1995). De acordo com Baker (1983, *apud* FERREIRA-BRITO, 1995, p. 240), “(...) as expressões-não-manuais como movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco (...) dão conta de formas sintáticas e atuação como componente lexical.” Isso ocorre em razão de, nas LSs, as mãos não serem o único meio condutor utilizado para a produção da informação linguística.

Há estudos recentes que mostram a ampliação dos parâmetros fonológicos em LSs, especialmente quanto às Expressões-Não-Manuais e suas variação. São exemplos as pesquisas de: Alecrin e Xavier (2020; 2021), Silva e Xavier (2018), Silva e Xavier (2020).

3. *Língua de sinais e universais linguísticos*

As LSs apresentam propriedades fundamentais em sua concepção linguística, uma vez que possuem uma estrutura própria, em que seu signo linguístico é manual e não manual, além de contemplar elementos como a visão, o espaço e a gestualização. Diante disso, é possível admitir que as LSs apresentam propriedades de caráter universal que estão sendo pesquisadas, estudadas e divulgadas. Por conseguinte, essa análise é mais um estudo que visa contribuir com as discussões sobre a ordem dos constituintes nas sentenças da Libras, de modo que resulte em um novo olhar sobre suas especificidades.

Ferreira-Brito (1995), pioneira nos estudos das LSs no Brasil, as conceitua como línguas naturais, compostas por complexidades características dos sistemas linguísticos, as quais são necessárias para a interação verbal. A autora enfatiza que as LSs se configuram como línguas de modalidade visual-espacial, ou seja, utilizam o corpo (especialmente as mãos, os braços e a face para a articulação das sentenças e interação verbal).

De acordo com Felipe (2007, p. 20), as LSs fazem parte da modalidade gestual-visual em razão de utilizarem como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais perceptíveis à visão. Devido ao fato de serem línguas naturais, possuem uma estrutura gramatical comparável às línguas orais uma vez que também expressam ideias sutis, complexas e abstratas. Ademais, essas línguas possibilitam a ampliação de seu léxico a partir da apropriação de novos sinais por parte de seus falantes, em decorrência de suas mudanças históricas, sociais, culturais e tecnológicas. Ainda, no que se refere ao cenário dos estudos

brasileiros, cabe retomar Quadros e Karnopp (2004, p. 47), que designam as LSs como “(...) línguas de modalidade gestual-visual (ou espaço-visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos”.

4. Sintaxe e construção de sentenças

A sintaxe, de acordo com Chomsky (2015), é o estudo dos princípios e processos inerentes à dinâmica de construção das sentenças de uma determinada língua. Para ele, o objetivo de estudar os aspectos sintáticos de uma língua culmina na elaboração da gramática que é, essencialmente, relativa às regras da produção de sentenças de uma dada língua. O autor compara as regras peculiares à produção de sentenças de uma língua como sendo as engrenagens de um mecanismo sintático, que é, essencialmente, a gramática de uma língua.

O postulado de Chomsky incide em um conjunto finito de regras que permitem que os usuários da língua compreendam e produzam infinitos sentidos a partir desse conjunto finito de regras linguísticas. Essa capacidade é denominada de competência linguística que, segundo Castilho (2010), consiste em uma intuição linguística em relação à composição de processos criativos da língua. Isso ocorre, segundo o linguista, justamente porque o usuário nativo de uma língua é conhecedor exímio da gramática de sua língua materna.

Esse conhecimento nato da gramaticalidade da língua é subdividido em dois tipos, segundo Chomsky (1965 *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 21). Há o conhecimento da linguagem em uso, denominado de *competência* e que é diferente do uso da língua e si, denominado de *desempenho* e que está atrelado à fala e, por isso, está permeado por variações. Apesar de o *desempenho* ser variável, a *competência* em inferir sobre a gramaticalidade ou agramaticalidade das formulações das sentenças é igual para todos os usuários da língua. E a *competência* de reconhecer a gramaticalidade e a agramaticalidade diz respeito à possibilidade de o usuário nativo do português, por exemplo, em reconhecer se uma sentença está de acordo com o modelo linguístico da língua portuguesa.

Esse conhecimento exímio que o falante nativo tem de sua língua se justifica pelo fato de que toda língua tem um modelo linguístico específico. Quanto a isso, Quadros e Karnopp (2004, p. 21) explicam que tanto a língua portuguesa quanto a Libras têm uma ordem básica dos consti-

tuintes de oração simples: o sujeito é o primeiro da sentença, o segundo é o verbo e o terceiro, o objeto – o que não inviabiliza construções sintáticas de outra ordem. Portanto, a ordenação preferida dos usuários da língua é sujeito-verbo-objeto.

A sintaxe da Libras, de acordo com Quadros e Karnopp (2004), se dá no espaço frente ao corpo do sinalizador, sendo uma sintaxe espacial, cujo sistema sintático é visuoespacial, permeado de regras e restrições assim como a sintaxe das línguas orais-auditivas. As autoras pontuam que o “(...) estabelecimento nominal e o uso do sistema pronominal são fundamentais para tais relações sintáticas” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 127). O fato é que vários mecanismos espaciais são utilizados na construção sintática da Libras como sinais manuais acompanhados de sinais não manuais, que são expressões faciais consideradas elemento gramatical. Ainda de acordo com Quadros e Karnopp (2004), os sinais não-manuais relacionados à pessoa são descritos através do direcionamento do olhar para a marcação de concordância gramatical, através do meneio de cabeça no sentido horizontal, para a marcação das sentenças negativas, e através do meneio de cabeça no sentido vertical para a marcação das sentenças interrogativas, etc.

Na ordenação sintática sujeito + verbo + objeto, de acordo com Othero (2014, p. 156), “a ordem das palavras pode alterar, por exemplo, o significado da frase.” Em duas frases constituídas pelas mesmas palavras podem ocupar uma posição distinta na frase: na primeira posição, funciona como sujeito e, na terceira posição, funciona como objeto (nos dados analisados no presente estudo, há exemplos dessas construções). A relação entre o verbo e o objeto é mais estreita e, por isso, esses dois elementos formam um “bloco”/unidade sintática, na frase, isolando o sujeito na primeira posição da frase. Essa posição destacada do sujeito na primeira posição da sentença, de acordo com Othero (2014), permite que ele funcione como tópico frasal. Os tópicos também são formulados à esquerda da sentença e com uma acentuada marcação melódica distinta da melodia dos demais elementos da frase, cuja intenção é marcar o referente e enfatizar o assunto.

Em se tratando do tópico frasal, Quadros e Karnopp (2004, p. 146) afirmam que, na sintaxe da Libras, a topicalização muda a ordem das palavras na frase, o que gera a impressão de flexibilidade aleatória na ordem das palavras. Atopicalização, na Libras, se dá por meio da operacionalização da marcação manual e não-manual de foco, de modo a per-

mitir outras ordenações frásicas, mas sempre derivadas da ordem básica da frase (sujeito-verbo-objeto) em Libras.

O trabalho pioneiro de Greenberg (1966), no que concerne a sintaxe das LSs, formula uma tipologia sintática baseada na ordem dos constituintes da sentença, na qual o linguista apresenta seis combinações possíveis de ordenação sintática (QUADROS, 2019). Em suas análises, o linguista desenvolveu uma tipologia fundamentada na posição relativa do sujeito (S), do verbo (V) e do objeto (O). Das seis possibilidades lógicas de organização sintática, a partir dos elementos citados, há três que predominam: VSO, SVO e SOV. Greenberg (1966) revela, ainda, que a disposição desses elementos demonstra uma predisposição fixa. Uma língua na qual predomina a organização sintática do tipo VO terá o objeto após a preposição, enquanto que uma língua em que predomina a organização sintática do tipo OV terá a ordem oposta.

Quanto à Libras, Quadros (2019) conclui que:

A ordem básica da Libras é aquela na qual identificamos a presença de um sujeito, de um verbo e de um objeto realizados, sem marcações não-manuais específicas, e/ou sem outras informações sintáticas sendo operadas. Quando há um verbo que seleciona um argumento interno e um argumento externo sem marcas sintáticas ou prosódicas adicionais, observamos que a ordem é SVO. (QUADROS, 2019, p. 83)

Essa mesma constatação foi observada por Royer (2019), que analisou a estrutura das sentenças em Libras (sentenças transitivas com seus respectivos argumentos) em dados extraídos do *Corpus* de Libras da Grande Florianópolis-SC. Esses dados estão em vídeos onde surdos de Florianópolis interagem entre si. Do mesmo modo, os dados de Olizaroski (2017) também constataram a ordem SVO mais produtiva no *corpus* analisado.

Pelo exposto, ressaltamos que a análise dos dados realizada considerou, primeiramente, um levantamento de todas as produções que compuseram a seleção do *corpus*, evidenciando a ordem em que os elementos das sentenças se manifestaram e o número de ocorrências dessas ordens. Na fase posterior, foram analisados aspectos que poderiam motivar uma dada ordem dos elementos nas sentenças produzidas pelos participantes.

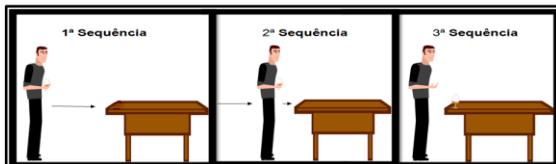
5. Aspectos metodológicos

O grupo de informantes foi selecionado a partir dos seguintes critérios: ser maior de 18 anos, exercer a função profissional⁴⁹ do ensino da Libras e ter Ensino Superior completo ou estar cursando. Dos presentes, 10 candidatas atenderam a essas condições para compor o grupo de participantes. Todos os informantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Com o objetivo de identificar o sujeito (S) na ordenação da estrutura frasal da Libras, no que se refere à metodologia de pesquisa, foram eleitas imagens com movimento, como fonte de inspiração e de motivação para a produção das sentenças. Essa seleção foi baseada nas experiências linguísticas dos sujeitos surdos falantes de Libras, as quais se caracterizam pela captação e pela memorização de detalhes das imagens em toda a sua dimensão.

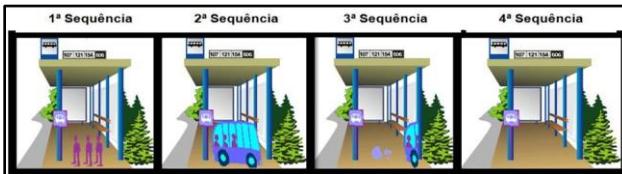
O material resultou da adaptação de uma apresentação de *slides* produzida no programa *Microsoft Power Point* e elaborada pelo grupo de profissionais que compunha o Núcleo de Capacitação do Centro de Apoio ao Surdo do Acre (CAS/AC), utilizados nos cursos de ensino da Libras e ofertado pelo referido Centro, conforme pode ser visualizada nas Figuras 1 e 2.

Figura 1: Sequência do movimento do fotograma utilizado na coleta de dados (parte 1).



Fonte: Araújo (2013).

Figura 2: Sequência do movimento do fotograma utilizado na coleta de dados (parte 2).



Fonte: Araújo (2013).

⁴⁹ Ser instrutor de Libras que trabalha com o ensino da Libras para ouvintes ou para seus pares, como crianças, jovens e adultos surdos.

As cenas ilustradas nas Figuras 1 e 2 foram propagadas sequencialmente nos *slides* e projetadas, uma por vez, para os agentes do contexto da pesquisa. Após avistualização dos *slides*, os participantes, em pé ou sentados, em frente à filmadora, narravam, em Libras, por meio da formulação de sentenças, o que foi observado nas imagens. O emprego desse recurso proporcionou o estímulo e a criatividade narrativa dos colaboradores, que usaram estratégias discursivas espaciais para retratar, de forma tridimensional, os deslocamentos, a direcionalidade e os movimentos linguísticos particulares das LSs. As sentenças construídas por eles foram registradas em vídeo e armazenadas em arquivo individual para a composição do *corpus* e para o tratamento de transcrição e de análise. A transcrição foi realizada com base em Felipe (2007).

A coleta dos dados teve, como premissa, o desempenho linguístico dos falantes da Libras. A próxima etapa do trabalho consistiu na organização dos vídeos, definida a partir do conjunto dos 10 fotogramas elencadas para a constituição da primeira fase de seleção do material coletado, o qual foi arquivado em um banco de dados (pasta-arquivo). Foram registradas, em vídeo, 100 frases que foram transcritas pelo sistema de notação de palavras e transformadas em glosas, com edições explicativas específicas, sobretudo para complementar as notações que especificam os traços manuais que são referentes linguísticos da Libras.

Como foi observado que havia frases com estruturas idênticas, realizamos uma pré-seleção para a análise. Primeiramente, foram selecionados apenas os tipos de sentenças diferentes em sua composição para evitar a repetição de dados com a mesma estrutura, o que tornaria o *corpus* desnecessariamente repetitivo. Foi definida, ainda, uma seleção em que fosse observado o processo de formação das frases que compreendessem uma composição de oração simples, admitindo os verbos de concordância e os verbos espaciais.

Para a transferência dos dados de produção sinalizados neste estudo, optou-se pelo emprego do Sistema de Transcrição proposto por Felipe (2007), considerando que esse modelo de escrita linear da Libras é de fácil acesso, compreensão e que representa, inclusive, a tridimensionalidade peculiar das LSs.

5. Análise dos dados

Neste artigo, será demonstrado somente um exemplo dos dados coletados e analisados no estudo maior, referente ao Fotograma 3, conforme pode ser observado abaixo, na Figura 3.

Figura 3: Fotograma 3.



Fonte: Araújo (2013).

Abaixo, encontram-se as Glosas do Fotograma 3:

Sujeito B: <PROFESSOR@>_t ENSINAR MATEMÁTICA, PORTUGUÊS VÁRI@

Sujeito C: PROFESSOR@ FAZER TEXTO ALUN@

Sujeito D: PROFESSOR@ VER LÁPIS-OBJETO-FINO _{longo}cl <CAIR>_{do}

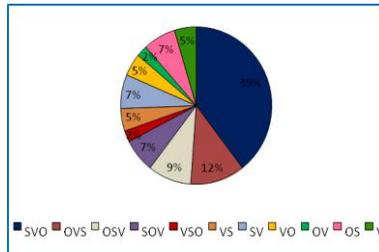
Sujeito E: MESA <OBJETO-FINO _{longo}>cl CAIR>_{do}

Sujeito G: <LÁPIS>MESA_i EM-CIMA OBJETO-FINO _{longo}>cl <CAIR>_{do}

A ordem “SVO” em LSB

A partir da coleta dos dados quantitativos, obteve-se a ocorrência ilustrada no Gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1: Ordem das sentenças em LSB.



Fonte: Dados da pesquisa.

Esses dados revelam as combinações da ordem dos constituintes, tendo como ordem dominante Sujeito-Verbo-Objeto, que resultou em: 17 frases que apresentam a ordem SVO; cinco frases que exibem a combinação OVS; quatro frases que revelam a ordem OSV; três frases identificadas com a ordem SOV; e uma frase que apresenta a ordem VSO. Esses dados referem-se a sentenças com verbos simples (Cf. FELIPE, 2007; QUADROS, 2019), com concordância e sentenças que foram compostas por três constituintes, independentemente da ordem que esses constituintes se encontravam. Ademais, para as frases com menos de três constituintes, foram identificadas: três frases com a ordem SV; três frases com a ordem OS com argumentos sem pronome; duas frases com as combinações VS, VO e V; e somente uma frase com a ordem OV.

O resultado obtido foi analisado em relação aos dados de estudos sobre as possibilidades de ordenação das sentenças em Libras, fundamentado na Teoria X-barras, no seu princípio, de Chomsky (1981), a qual considera o nível abstrato da sintaxe, relacionando o sistema computacional e o léxico, proposta nos estudos de Quadros, Pizzio e Rezende (2009):

A variação na ordem das palavras será expressa pelo componente fonológico, em que os elementos na estrutura são pronunciados. Nesse nível do sistema computacional da língua, nós observamos o resultado das transformações em diferentes derivações. Isso nos dá as possíveis ordens de palavras permitidas pela língua. (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009, p. 18).

De acordo com as autoras, a ocorrência da ordem SVO nas sentenças, em Libras, é natural dessa língua. Baseando-se nos estudos tipológicos de Greenberg (1966), que consideram seis possibilidades variantes de ordem das sentenças (dentre elas, três dominantes: SVO, VSO e SOV), os dados revelados na pesquisa resultaram em 70% de sentenças com ordenações variantes, em que o sujeito(S) precede o objeto (O), confirmando a formulação tipológica de Greenberg. Os 30% das sentenças que restaram foram consideradas sentenças com ordenações raras, visto que apresentaram o constituinte objeto (O) antes do sujeito (S). Considerando-se, portanto, a estrutura sintática SVO como a ordem estrutural mais recorrente, foi possível constatar que, na Libras, essa ordem é mais comum por apresentar uma ocorrência direta em sua estrutura sintática. Como sentença prototípica da Libras, considerando a ordem SVO, temos como exemplo, o seguinte: “Professor@ fazer texto alun@”.

Compreende-se que essa ordem dos elementos sintáticos é relevante na língua, em razão de, caso modificada essa sequência de elementos, o

sentido será modificado. Nesse sentido, como exemplo, temos a frase “Alun@ fazer texto professor@”, que não apresenta o mesmo sentido que o da frase anterior. No último exemplo apresentado, o verbo, de forma clara, assegura o sentido da sentença, invertendo somente os papéis dos sujeitos. No entanto, se for realizada a inversão da ordem do verbo, essa modificação apresentará a característica da ambiguidade, como pode se observar no exemplo “Fazer texto alun@ professor@”. Diante dessa situação, não é possível afirmar se foi o “alun@” que fez o texto ou se foi o “professor@” que o fez.

Cabe considerar que a mudança da ordem dos sujeitos é possível quando o contexto assegura a interpretação correta. Outra possibilidade é o uso proposital da ambiguidade na sentença. Para Pontes (1987), o uso da língua é uma ação inteligente, ou seja, tem uma razão de ser não sendo, portanto, uma ação mecânica. Dessa forma, quando não existe perigo de interpretação, é aceitável a mudança da ordem dos elementos. Considerando o pressuposto de que as regras sintáticas têm uma razão de ser, elas têm o propósito de garantir a comunicação a partir das inúmeras possibilidades de uso das regras com finalidades específicas e não aleatórias.

A diferença está em que o falante não é um autômato, ele usa as regras na medida em que elas são necessárias. Quando é possível violá-las sem prejuízo da clareza para conseguir algum efeito extra (como na literatura tanto se vê) elas são violadas. (PONTES, 1987, p. 106)

A variação na ordem das palavras é uma constante nas línguas em geral. A esse respeito, Greenberg (1966) verifica que, mesmo com a presença da variação, cada língua elege uma ordenação de palavras como dominante. Segundo as investigações desse autor, a ordem dominante sempre será SOV, SVO ou VSO.

Conforme foi possível observar, a ordem sintática com maior número de ocorrência, neste estudo, foi a SVO, constatação essa que corrobora com a ordem canônica da Libras difundida nas primeiras pesquisas nacionais que apontam essa realidade. Inicialmente, essa proposição foi relatada em trabalhos de Felipe (1989), quando observou a prevalência da ordem sintática SVO, sobretudo quando essa ordem explicita o sujeito(S) e o objeto (O) nas sentenças sinalizadas. Já Ferreira-Brito (1995) desenvolveu uma descrição linguística da gramática da Libras, compreendendo a sua articulação espacial. Portanto, ambas as autoras identificaram a flexibilização da ordenação das sentenças na Libras. Entretanto, apesar da flexão apontada, as pesquisas realizadas reforçaram a constatação de que há uma ordem mais básica, que foi descrita em estudos poste-

riores, como nos de Quadros (1999), que corroboram para o encaminhamento de Quadros e Karnopp (2004, p. 139). De acordo com essas autoras, há uma organização mais comum de sentenças, a ordem SVO, e as demais ordenações encontradas na Libras resultam da interação de outros elementos gramaticais.

6. Considerações finais

Com base em Ferreira-Brito (1995), Felipe (2007), Quadros e Karnopp (2004), observa-se que a ordem sintática da oração por meio da construção Sujeito (S), Verbo (V) e objeto (O) é a mais recorrente nos dados analisados sobre a sintaxe da Libras usada por surdos de Rio Branco, Acre. Dentre as ordens sintáticas que apareceram no processo de elaboração e de organização dos dados da pesquisa realizada, foram evidenciadas outras variações, as quais são de caráter incomum na ordem sintática da Libras. Contudo, a lógica dessa variação deriva de fatores que se verificam a partir dos traços não manuais.

À medida que o desenvolvimento deste trabalho foi avançando, inquietações no que se refere à esfera da composição linguística da Libras foram surgindo, devido à imensa quantidade de assuntos relacionados a este estudo. Embora não dispuséssemos de condições para dar o devido espaço de investigação, essas questões foram analisadas em nível superficial. Dentre elas, pode ser citada a naturalidade das línguas de sinais e a sua não universalidade. Tendo em vista que cada grupo necessita de determinados estímulos para receber uma mesma mensagem, tanto as línguas orais quanto as LSs têm suas especificidades: as línguas nascem considerando todo o ambiente cultural de um povo, favorecendo as diferenças de uma em relação a outra.

Vale ressaltar que os resultados da presente pesquisa foram coincidentes com os resultados de Olizaroski (2017), Quadros (2019) e Royer (2019), o que demonstra, pelo menos provisoriamente, que a ordem SVO é a mais utilizada na ordenação dos constituintes sintáticos pelos surdos brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALECRIM, E.; XAVIER, André Nogueira. A variação fonética em configurações de mão da libras à luz do sistema de transcrição de Johnson e Liddell (2011, 2012). *Letras & Letras* (UFU), v. 37, p. 292-323, 2021.

ALECRIM, E.; XAVIER, A. N. Análise da variação fonética em configurações de mão da Libras. *Revista Sinalizar*, v. 5, 2020.

ARAUJO, Nina Rosa Silva de. *A posição de sujeito em sentenças da Língua de Sinais Brasileira*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2013. 121f.

BAKER, Mark. C. *Incorporation: a Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: University of Chicago Press, 19.

BORGES NETO, J. O empreendimento gerativo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Orgs). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 93-130 (Vol. 3)

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CERQUEIRA, Vicente Cruz. *A sintaxe do possessivo no português brasileiro*. São Carlos-SP: Claraluz, 2008.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, Noam. *Estruturas sintáticas*. Trad. de Gabriel Ávila Othero e Sérgio de Moura Menuzzi. Petrópolis: Vozes, 2015.

FELIPE, Tanya Amaro (Org.). *Educação especial: Libras em contexto – Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos*. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GESSER, Audrei. *LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola, 2009.

GREENBERG, Joseph H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, Joseph H. (Ed.). *Universals of Language*. Standford: Standford University Press, 1966, p. 58-90.

OTHERO, Gabriel de Ávila. Sintaxe. In: SCHWINDT, L.C. *Manual de Linguística: fonologia, morfologia e sintaxe*. Petrópolis: Vozes, 2014.

OLIZAROSKI, Iara Mikal Holland. *A ordem dos constituintes sintáticos na formação de sentenças em Libras na perspectiva funcionalista*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná, 2017. 149f.

PONTES, Eunice. *Ordem VS em Português: tentativa de explanação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1987.

POSSENTI, Sírio. *Questões de Linguagem: passeio gramatical dirigido*. São Paulo: Parábola: 2011.

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. *Língua Brasileira de Sinais I*. Texto-base para curso de Letras-Libras – EaD. Florianópolis: UFSC, 2009.

_____. *Libras*. São Paulo: Parábola, 2019.

_____. *Phrase Structure of Brazilian Sign Language*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. 301f.

ROYER, Miriam. *Análise da ordem das palavras nas sentenças em Libras do Corpus da Grande Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2019. 152f.

SILVA, A. R.; XAVIER, A. N. Identificação, documentação e descrição de processos fonológicos na Libras. *Humanidades & Inovação*, v. 7, p. 58-84, 2020.

SILVA, A. H. P.; XAVIER, A. N. Libras and Articulatory Phonology. *Gradus*, v. 3.1, p. 103-124, 2018.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

STOKOE, Willian. Sign Language Structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. *Studies in Linguistics*. New York: University of Buffalo, 1960.